

Boletim Informativo da Federação Portuguesa
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

O DIREITO HUMANO

SOLSTÍCIO DE INVERNO 2017, ANO 8, Nº 17





Neste Número:

Editorial

Sínteses dos Temas desenvolvidos pelas Lojas durante o ano maç. de 2016-2017 (E.V.):

Tema Simbólico: *O Método e o Trabalho Maçónicos como Instrumentos de Aperfeiçoamento Humano*

Tema Social : *A crise como oportunidade de renovação e de crescimento*

Pranchas apresentadas nas Sessões de comemoração do Solstício de Inverno de 2017

RR.°.LL.°. Adelaide Cabete, Estrela da Manhã, Fraternidade e Gaia
O Solstício de Inverno

R.°.L.°. Liberalitas
O solstício de inverno e o espírito do natal

R.°.L.°. União
Os 3 São João (Qual o patrono da Maçonaria?)

RR.°.LL.°. Humanidade, e Athanor
As Lojas de S. João / Lojas Azuis

Capa:

Nascer do sol - Solstício de Inverno nos Himalaias.

Foto: João Firmino .°.

Conselho Editorial: - Conselho Nacional

Comissão de Comunicação

Alexandre Martins

Maria João Figueira

Maria José Tavares

Raquel Reininho

Cada artigo mantém a ortografia usada pelo autor

Contacto para sugestões e colaborações: comunicacaofpdh@gmail.com

Disponível no site da Federação Portuguesa: www.direito-humano.pt



MM.: QQ.: Ilr.: e MM.: QQ.: Ilr^a .:

Através deste boletim pode aceder-se a todas as pranchas apresentadas em sessões de Loja, nas cerimónias de celebração do solstício de inverno de 2017, proporcionando-nos a riqueza da abordagem deste tema, tão caro à maçonaria.

São perspectivas muito profundas e ricas, em que se analisa o conceito do solstício – *sol sistere* ou sol que não se mexe, nas diversas tradições espirituais do oriente e ocidente e que lançam a temática da importância do sol para a natureza e a vivência da humanidade e da luz, para um posicionamento espiritual de renovação interior.

Inspirados pelo símbolo de Janus bifronte, que sintetiza o passado e o futuro, apresentam-se também outras perspectivas como a tradição do S. João, enquanto patrono da maçonaria, nas suas múltiplas formas de celebração solsticial.

Para memória futura, o presente boletim, apresenta ainda as sínteses dos temas social e simbólico, tratadas nas lojas da Federação Portuguesa durante o ano maçónico 2016/2017, o que permite deixar um testemunho da riqueza dos trabalhos apresentados sobre estes temas.

A síntese do tema simbólico destaca a importância do estudo dos símbolos e da vivência dos rituais, como método de aperfeiçoamento interior de cada aprendiz, numa dialéctica interna e externa, de trabalho interior, esotérico, individual, de introspecção e exterior, humanista, social e exotérico, que se fundem com os objectivos primordiais da nossa Ordem.

No tema social, é-nos proporcionada uma espécie de viagem analítica pelo percurso histórico e filosófico dos tempos modernos e o constante desafio de transformação das crises, que a humanidade tem ciclicamente vivido, em momentos de evolução do espírito humano.

Raquel Reininho

Presidente do C. . N. . da Federação Portuguesa do DROIT HUMAIN, O Direito Humano

A Maçonaria é uma escola de virtude e sabedoria que transmite os seus conhecimentos singularmente através de uma linguagem peculiar sob o “véu dos símbolos” que emanam dos rituais nos quais desabrocham saberes ancestrais que os maçons jamais permitirão que se percam nas noites dos tempos.

A Maçonaria incorpora duas vertentes que apesar de aparentemente serem diametralmente opostas se complementam, correspondem às duas faces de “Janus”. Assim, integra em si um pendor externo, humanista, colectivo, exotérico, social e cultural e um pendor interior, individual, esotérico de introspecção.

A via iniciática proposta pela maçonaria proporciona a redescoberta de um novo “eu”, a edificação do templo interior onde assumem plena significação os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade.

Destarte, a Maçonaria parte da máxima socrática- Conhece-te a ti próprio.

A função do Aprendiz é precisamente a de mergulhar dentro de si, a de se buscar a si mesmo e a de trabalhar a pedra bruta, tarefa esta árdua e de ilimitável relevância, pois nas palavras de Fernando Pessoa “O oráculo que disse “Conhece-te” propôs uma tarefa maior que as de Hércules e um enigma mais negro que o da Esfinge.

É um período dominado pelo silêncio que proporciona a reflexão e possibilita o autoconhecimento, é pois um período em que o silêncio vale ouro.

O silêncio é indubitavelmente uma ferramenta poderosa enquanto fonte geradora de conhecimento. Um silêncio que cria no seu seio a sabedoria de reflectir, de escutar o Outro respeitando-o, de escutar o Universo que nos rodeia e do qual somos parte integrante, desvendando e interpretando os seus mistérios. Na verdade, só ouvindo o Homem e o Mundo se pode falar do Homem e do Mundo.

Pelo método simbólico e ritualista irrompe o Sagrado vislumbra-se a Luz, proporcionando a cada maçõn obrar pessoalmente a

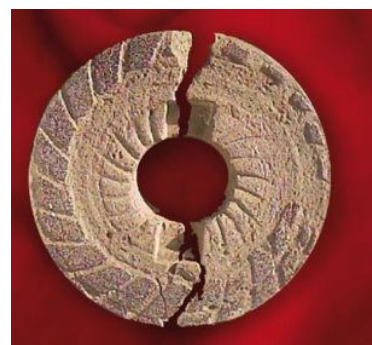
sua interioridade, em colectividade, no trabalho ritual da Loja, incumbindo-lhe fora do Templo, no seu quotidiano irradiar na sociedade os princípios e os conhecimentos adquiridos e desenvolvidos no seio deste espaço sacralizado.

O Templo revivificado é o Templo de Salomão, tomado pela Maçonaria para a formulação e perpetuação do seu simbolismo enquanto representação do Universo e de todas as maravilhas da criação e símbolo do equilíbrio entre o sagrado e o profano.

Impera o simbolismo e aprendizes, companheiros, mestres e oficiais erguem este templo, construindo as suas colunas, dando-lhe vida e impondo-lhe uma ordem como verdadeiros corpos celestes neste microcosmos.

Há algo de intraduzível no símbolo, este terá que ser apreendido, sentido e vivido pessoalmente na subjetividade de cada um. O maçõn tem que ousar pensar de forma livre.

O símbolo e o rito encaminham o maçõn na sua busca incessante de conhecimento e de aperfeiçoamento, permitindo-lhe vislumbrar um trilho a seguir tal qual os astros orientam o timoneiro possibilitando-lhe traçar uma rota guiando a embarcação das águas agitadas a bom porto.



Símbolo (em grego *sumbolon*) palavra que deriva do grego *sumballein* que significa “unir” e designava um fragmento de um objecto inteiro. Sugere quer incompletude quer complementaridade. Na figura estão representadas as duas partes de uma *Tessera hospitalis*, um objecto com o qual se selava um pacto entre duas pessoas e que era passado aos seus descendentes.



Habiballah de sava, A Conferência dos Pássaros. Ca. 1600, Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque. A poupa, no centro, à direita, instrui os outros pássaros no caminho sufi. A *Conferência dos Pássaros* é um livro de poemas em Persa, escrito em 1177 por Farid ud-Din Attar.

Caberá ao maçom no seu percurso indagar a “linguagem das aves” relacionando-se intimamente com o simbolismo em ação no trabalho ritual.

Os símbolos nada impõem, pois, a Maçonaria não se compagina com a transmissão de dogmas e de fixismos ideológicos que redundam as mais das vezes em fanatismo e ambição material agrilhetando os Homens à ignorância, aprisionando-os nas trevas dos preconceitos e das verdades imutáveis onde não há espaço para pensar ou questionar

O símbolo apela à meditação, à introspeção, à observação, à vivência.

Cada maçom é parte activa do ritual que incorpora e ao qual dá vida

numa dialéctica permanente.

Na verdade, o maçom tem muito de alquimista, na medida em que tem como função transmutar, transmuta-se a si mesmo, desbastando a pedra e edificando o seu templo interior e almeja transmutar a sociedade, pois, o seu trabalho é dirigido à Glória do Grande Arquitecto do Universo e ao Progresso da Humanidade e visa a construção do Grande Templo da Humanidade.

Partilha com o filósofo a arte da dialéctica uma vez que se serve das lendas, símbolos e rituais como método de progressão e desenvolvimento intelectual e espiritual, permitindo a apreensão do Homem como um Todo em toda a sua plenitude.

O caminho para a Luz é obviamente individual, tendo cada um que calcorrear o seu trilho por si mesmo na busca incessante de conhecimento e aperfeiçoamento pessoal – “Procura e encontrarás”.

O maçom terá que apropriar-se e trabalhar a sua interioridade de forma a “tecer grinaldas às virtudes e cravar masmorras aos vícios”, concomitantemente a maçonaria visa a libertação do indivíduo.

A Apreensão do Homem na sua Plenitude acarreta inevitavelmente o reconhecimento da Dignidade Humana, da igualdade efectiva sem exclusão de género ou raças. O respeito pelo multiculturalismo, a identificação da igualdade na diferença, a consideração pelas diferentes ideologias e convicções filosóficas e religiosas.

A partilha do amor fraterno que se constrói no trabalho de loja e que tem a virtualidade de unir os maçons entre si, expande-se exponencialmente unindo-os com o mundo e com a Humanidade.





Rafael, *Escola de Atenas*, Fresco, Stanza della Segnatura, Palácio do Vaticano.

Foi pintada entre 1509 e 1511 e representa a Academia de Atenas.

Desde sempre que ser Maçom é similar à ideia de Construção, seja do “templo interior” seja de uma sociedade ideal.

Antes de ingressar nessa descrição e análise do que afinal serão os deveres de um franco-maçom, uma ideia em primeiro lugar se nos apresenta: o Dever.

Afinal o que é o dever maçónico? Aquele que é imposto ou aquele que é sentido? Se somos livres temos o poder de escolher e seguir os nossos princípios ou submetemo-nos a uma pessoa, ideia ou instituição? Entenda-se que o único dever a que o Franco-Maçom está obrigado é tudo aquilo que o mesmo sente que deve executar em nome de um bem maior, de um bem comum num espírito de partilha (e este sim é que lhe *deve* ser natural por ser um Iniciado na Maçonaria e não por ser Membro, e que o mesmo deve desenvolver). Ouçam meus I\ e Ila.\ : são fiéis aos vossos princípios, os mesmos que encontraste e desenvolveste no Templo? Então estão a cumprir com o vosso dever! Caso contrário... bem equilibre-se o contrário, desbaste-se a pedra bruta, sirvamos a Ordem e os Princípios que ela consagra!

Como podemos ser fiéis aos nossos princí-

pios se o relato histórico que nos rodeia de equilíbrios e desequilíbrios em várias épocas circunda nesta ideia: a pirâmide social (e não é aquela do ego...essa ofusca, não acciona e é cada vez mais evidente). Estamos a falar de riqueza e oportunidades? Não meus I\ e Ila.\, apenas a querer dizer que a riqueza está mal distribuída e as oportunidades afinal não são para todos!

Ao percorrer os anais da história verificamos que a designada Sociedade *Industrial* (aquela onde o Homem começou a ser um factor de produção lembrem-se?), não resultou numa real melhoria no acesso a uma qualidade de vida de um modo geral. A mesma perpetuou e acentuou as desigualdades vindas desde o tempo das sociedades feudais. Afinal o ideal de democracia na tomada de decisão acerca daquilo que é público não se alteraria assim tanto... mas já lá iremos.

Na história da Maçonaria encontramos cidadãos que desde logo defenderam a ideia de uma sociedade livre, fraterna e socialmente mais justa como: *Voltaire*, *Jean Jacques Rousseau*, *George Washington* e *Winston Churchill* e, nacionais, Al-

meida *Garrett*, *Bocage*, *Eça de Queiroz*, *Gago Coutinho*, *Norton de Matos*, entre outros.

Podemos também dar o exemplo de alguns autores ou momentos:

A “Utopia” de *Thomas More* no século XVI, a “Nova Atlântida” de *Francis Bacon* no século XVII ou o nascimento da mundialmente famosa “*Royal Society*” no mesmo século.

Estas ideias filosófico-políticas expressas nestas instituições, autores/figuras e movimentos intelectuais geraram, entre uma determinada classe da nobreza e alta burguesia, o desejo de criação de um contexto particular de partilha e desenvolvimento destes valores: nascia assim a Grande Loja de Inglaterra em 1717.

O modelo sinárquico, aqui implícito, geraria então a tripla evocação universal da Maçonaria Moderna: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, adoptada pela própria e inspiada na Revolução Francesa.

Nesta época, de intensos debates acerca das desigualdades sociais,



Auguste Rodin, O pensador, Bronze, 1904, Museu Rodin, Paris.

Rodin disse: “o que faz o meu Pensador pensar é que ele pensa não apenas com o cérebro mas também com as suas sobrançelha, as narinas dilatadas e os lábios comprimidos, mas também com todos os músculos dos seus braços, costas e pernas, com o punho cerrado e os dedos em garra”. Citação: National Gallery of Art, www.nga.gov

surge então a ideia de transpor os ideais dessa sociedade maçónica de carácter especulativo, para aquilo que designaríamos de “mundo profano”. Surgiam assim as primeiras instituições paramaçónicas, onde numa lógica de unidade democrática se faria respeitar a diversidade de opiniões, num espírito de tolerância fraternal. Exemplo máximo deste ideal é a “Carta Universal dos Direitos do Homem”. No contexto particular do “LE DROIT HUMAIN”, não é possível deixar de referir o M\I\I\ George Martin, um dos Fundadores da nossa Augusta Ordem como exemplo daquilo que designamos *acção paramaçónica*.

Na actualidade social e cultural, frequentemente nos surge uma questão quando reflectimos acerca do trajecto até agora percorrido: Quem fala mais alto dentro de nós, o Profano ou o Maçom? Deveriam ser os deveres sociais diferentes para os Maçons e Profanos? O entendimento sobre aquilo que designamos “Deveres Sociais de Um Franco Maçom” são transversais às várias Obediências Maçónicas existentes actualmente? Seremos de facto a elite de homens e mulheres livres e de bons costumes que tanto apregoamos ser?

Citando *Noam Chomsky*, segundo o qual “é responsabilidade dos intelectuais dizer a verdade e denunciar as mentiras”, uma vez que “têm condições de denunciar as mentiras dos governos e de analisar as suas ações, as suas causas e as suas intenções escondidas”.

Da discussão nasce a Luz...dizemos nós! Séculos de debates em Loja e continuamos a assistir a mais uma e ainda outra vez, às maiores crises humanitárias dos últimos tempos, ao individualismo glorificado...

É tempo de agir...

No campo da intervenção social dos Maçons, quer ao nível individual quer como organização (ou Obe-

diências Maçónicas), o raio de acção destes poder-se-á tornar bastante amplo, já que a presença de dinâmicas de intervenção nas comunidades passam por acções filantrópicas ou de consciencialização, na acção política e social (independentemente da orientação política).

Para que estas dinâmicas aconteçam com a devida celeridade é necessário que haja maturidade, vocação, oportunidade e disponibilidade na concretização das possíveis intervenções. Os processos de alteração para que as mesmas intervenções ocorram, exigem ao Maçom (e conseqüentemente à Maçonaria em geral) uma transformação pessoal e espiritual, para que a criatividade na construção de um novo paradigma possa acontecer.

Esta nova realidade pretende desde logo ser uma expressão clara de combate à ignorância, ao dogmatismo, à ilusão, ao erro e dar lugar ao nascimento de uma nova consciência colectiva, onde os lugares comuns dão lugar a ideias revolucionárias e permitem que pessoas ou ideias extraordinárias, possam alterar os paradigmas estabelecidos. Para que tal aconteça o Maçom deve ser o claro exemplo de



O Pensador de Cernavoda, 5,000 a. C. Terracotta, Museu Nacional de Escultura da Roménia.

um cidadão, a pessoa á qual atribuíamos “boas práticas”, ou seja um Ser Livre e de Bons Costumes.

O papel da Maçonaria deve ser assim uma voz de dissonância em relação ao utilitarismo, à desresponsabilização e à alienação dos povos, repudiando a violência e a fragmentação da sociedade, tornando-a mais segura, mais livre, mais inclusiva e mais feliz! Como diria *Edgar Morin*, o Homem, o Cidadão (mas sobretudo o Maçom) tem consigo a condição de compromisso social, ou seja o respeito à espinha dorsal dos valores e princípios éticos e a não existência, uma variabilidade conjuntural, a interesses nocivos, á construção de uma sociedade justa, feliz e realizada (O próprio Iniciado tem que trabalhar em si o sentimento de esperança no alcance das suas metas pessoais, como das metas socialmente necessárias para que essa *felicidade social* exista).

No contraponto dos Valores e Princípios atrás analisados, salientamos a desregulamentação da actividade económica, e sobretudo financeira, que levou e ainda hoje leva a situações de alta corrupção pública e privada.

Retomemos assim à ideia inicial desta reflexão: a oportunidade de tomada de decisão acerca da coisa pública. Se o sistema democrático caminhou para o alargamento de oportunidades dos cidadãos na tomada de decisão sobre a coisa pública, verifica-se uma pequena dissonância... ou é mesmo assim... que a *Res pública* pode não existir?

O Estado, como elemento central na gestão da *Res pública*, há muito que está submetido aos interesses de grandes grupos económicos onde o *bem comum* muitas vezes não entra na equação. Os maus exemplos dos seus representantes são os tão constantemente noticiados *activos tóxicos* na gestão da saúde, educação, justiça e econo-

mia. Assim, ainda continuamos a ter a vital necessidade de políticos e cidadãos empenhados de forma concertada na defesa dos mais elementares valores, permitindo a ascensão ao poder da influência dos tecnocratas, cujo interesse primeiro não é de certo o bem comum.

Caminhemos para dentro:

Afinal, a todos nós é questionado no final de cada Sessão se os I\receberam o seu Salário? Será que um Irmão com laivos de narcisismo ou intolerância recebe o seu Salário?

O percurso iniciático também nos lembra que é nesse Caminho, pelos Graus Simbólicos, que a consciência espiritual e social se expande, e descobre novas realidades. Estas mesmas permitem a concepção de



By Frits A

novas possibilidades para o Maçom, bem como para a realidade que o rodeia. Somos nós “maçons” exemplo de vida junto da nossa Família, Amigos e Comunidade? Participamos em ONG’S? Participamos, quando assim é, das falhas verificadas na justiça, saúde e educação junto dos órgãos competentes?

O *Método Maçónico* é assim dos melhores caminhos para aquilo que designamos a “dúvida metódica”, aquilo que nos leva à permanente desconstrução das realidades existentes, sejam elas as nossas ou as do mundo. O mesmo método ensina-nos a noção de parti-

lha, a noção da equidade mas sobretudo da dualidade.

Afinal activamos e desenvolvemos a Consciência na sua matriz espiritual, pessoal e social para depois Trabalhar sobre nós próprios e sobre tudo aquilo que nos rodeia. Existe um Caminho que é um Todo, e cada um de nós dá, e deve dar, o seu contributo segundo as suas possibilidades. Temos nós, I\e Ila.\ aqui reunidos, consciência de que ser Iniciado é estar sob uma condição de vida?

Assim nasce a verdadeira revitalização do conceito de dever, na intervenção em áreas essenciais como: a cidadania, a sustentabilidade ambiental, a filantropia, a ética social, a tolerância, a segurança, a igualdade de género, a justiça, entre tantas outras preocu-

pações da Humanidade.

Por fim, lembramos a máxima consagrada na Declaração de Princípios da Ordem:

“A *Ordem Maçónica Mista Internacional “LE DROIT HUMAIN”* afirma a igualdade do Homem e da Mulher. Ao proclamar o “Direito Humano” a *Ordem* pretende que eles venham a beneficiar em toda a Terra, de forma igual, da justiça social numa humanidade organizada em sociedades livres e abertas”

Cumpra-se!





Johann Wilhelm Beyer, *Janus e Bellona*. 1773. Jardins de Schönbrunn, Viena.

Janus era o deus das portas e dos princípios na religião romana. É representado com duas caras, uma olhando o passado e a outra o futuro.

No dia 21 de dezembro, na noite mais longa do ano, começa o solstício de inverno que durará três dias, durante os quais o sol estará aparentemente parado no firmamento, marcando o regresso da luz.

Esse é o significado do solstício – *sol sistere* ou sol que não se mexe – e este fenómeno resulta da inclinação do eixo da terra, uma vez que se este fosse rigorosamente vertical não assistiríamos à sucessão das estações do ano.

Porém, o fenómeno que altera o ciclo da vida não é unicamente cosmológico, é também filosófico, aportando em todos nós um lastro de influências para lá do evi-

dente – em aparência e essência.

Na mitologia romana, Janus é o Deus com dois rostos a projetar o olhar em direções opostas, é o deus das portas do começo e do final e é também um deus amável e fraterno, conquistando, por isso, dois São Joões, o do inverno e o do verão, coincidentes com os solstícios que deram lugar a cerimónias que se perdem no torvelinho do tempo. Na realidade, o dia de São João Batista, 24 de junho, coincide com o solstício de verão, dia em que o Sol atinge a sua maior altura no hemisfério norte e dia de celebração para todos os maçons, e o segundo momento comemorativo recai no solstício de inverno, dia de São João Evangelista.

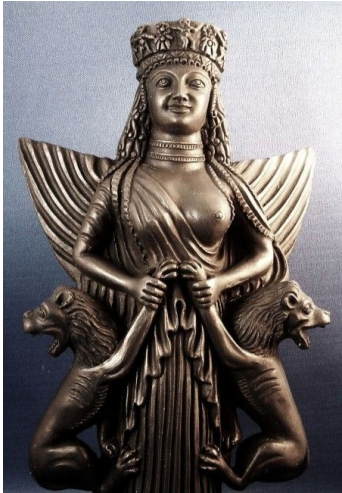
Se recuperarmos a mitologia Egípcia, berço de várias civilizações inspiradoras de mitologias e religiões, convergimos no nascimento do Deus Horus, nascido da Deusa virgem Isis, na data de 25 de dezembro. O seu nascimento foi acompanhado por Sírios, o sol dos sóis, e pelas três estrelas alinhadas em fila, ou seja, os três reis magos que marcam o nascimento do sol.

De natureza algo profética, este mito é sucessivamente repetido em todas as religiões sucessoras, aparecendo, assim, Mitra na Pérsia, Krishna na Índia, Dionísio na Grécia, Janus ou Jesus no cristianismo, entre varias, todos nascidos a 24 e 25 de dezembro.

Recorde-se, a propósito, que na época de César, Roma rende-se ao deus Mitra, o Sol



Mármore representando Mitras degolando o touro. Peça simbólica central à religião mitraica e que é encontrada em todos os templos dedicados a Mitras. Representa um conceito muito menos agressivo do que a própria cena dá a entender: - o sacrifício do touro era simbólico, representando a criação de todos os animais por Mitras. Placa encontrada no *Mithraeum* em Sidon (Colonia Aurelia Pia, Syria), Séc. IV a.C. , Museu do Louvre, Paris



Anahita, rainha das bestas — A virgem mãe de Mithra. 500 a. C. Museu Britânico, Londres

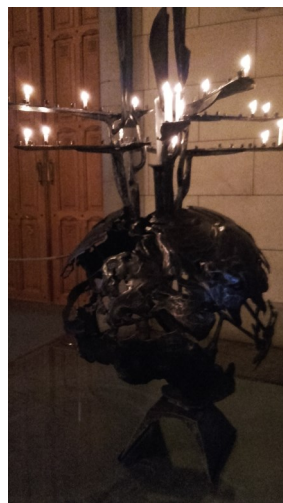
resplandecente, e ao culto do *Sol Invictus*, o Sol invencível, que celebra a vinda de nova luz a cada 25 de dezembro. Por irradiar justiça e verdade, espiritualizou o coração do mundo. Porém, com a ascensão do Cristianismo, a Igreja procurou erradicar totalmente os cultos pagãos ao Sol. O Concílio de Lucence, no século V, encarregou-se de os proibir, ainda que o pensamento simbólico do paganismo se continue a projetar no cristianismo hodierno sob a forma de correspondências tautológicas através da metáfora ou da alegoria, particularmente no que tange à teologia da luz, ao diálogo entre a imortalidade da alma e a ressurreição final e ao mistério escatológico. Aqui, estamos diante de um Sol apocalíptico!

Prova-se, assim, que no mundo das divindades, o Sol sempre exerceu um enorme fascínio nas civilizações antigas, levando Mircea ELIADE a afirmar que *o sol e os sepulcros dos reis constituíram as duas principais fontes de sacralidade*.

Em rigor, desde os primórdios da civilização que o Homem sentiu a dependência perante o mistério da luz e das trevas que permite, aliás, a existência da vida na Natureza. À

luz dimanada do Sol, a oriente, opunha-se a escuridão anunciada a ocidente, mostrando a inexorável luta entre o dinâmico e o inerte; o manifesto e o não manifesto, entre o ver e o ser visto, num fulcro vital de beleza, harmonia e reciprocidade. O Sol, ou o ouro alquímico, era, assim, o princípio e o fim de tudo... e o seu olho iconográfico, num tempo cíclico de revisão espiritual e material, tudo testemunhava! Recuperemos o epíteto que recebeu da Electra de Sófocles: *Aquele-que-tudo-vê* e que faz verdadeiro jus à sua posição cêntrica na abóbada celestial, no ser e no espírito, ao que o simbolismo védico chama coração do mundo ou olho do mundo. Em contexto extático, é a morada hinduísta das divindades *Purusha* ou *Brama*, é *Atma*, a Alma e o Espírito Universal.

No seu movimento planetário, o Sol equinocial, intermediado pelo solsticial, florescia exuberantemente no mitema da vida, da luz pri-



Ollof Hellstrom, *Árvore da reconciliação internacional*. Catedral de Uppsala, Suécia. Foto: MJF

mordial e da reverência, não tanto pela totalidade, mas pela ciclicidade enigmática do tempo sagrado, dos mistérios da terra, da morte, do renascimento e do extraordinário, como diria Max Weber.

O culto ao Sol celebrava anualmente a festa do Sol, durante o Solstício de inverno,

confrontando-se inevitavelmente com o estatuto dos rituais face ao paradigma semiológico das representações presentes no culto da fecundidade e da fertilidade. O retorno da luz, a morte e o renascimento, e a ressurreição das terras e das colheitas alinhavam com o poder sagrado deste momento solsticial!

Enquanto homenagem à Natureza adormecida, o pinheiro pagão também comungava com o Solstício de Inverno, pela crença no rápido retorno da Luz primaveril. Mais tarde e, numa extensão simbólica, Martinho Lutero iluminou o pinheiro, num fulcro de beleza e de esperança...

Parece claro que estamos perante um mundo iluminado que, aliás, abrirá espaço teórico para a inspiração dos códices do bem e do belo, herméticos, primeiro, e platônicos, depois. Prevendo que a Natureza é feita de analogias, o axioma hermético permitirá *em cima, como embaixo; no céu como na terra*.

Para lá de uma subtil mistificação, o Sol será sempre o astro dador de vida e de Luz num universo hesitante perante o inteligível.

Por conveniência espiritual, estes dias de solstício de inverno convidam-nos à reflexão, à introspeção, ao renascimento espiritual, e a co-tejar a nossa evolução interior, por domínio das paixões. E, porque o *tempo mágico é um tempo primordial*, como nos diz Christian JACQ, é também o momento para traçarmos novos objetivos e esquiçar caminhos mais iluminados, porque o solstício de inverno marca o trajeto que prudentemente devemos seguir para chegar mais felizes e mais fraternos ao solstício de verão. Na verdade, todos nós temos os nossos "solstícios interiores", os nossos sentimentos de alegria ou de tristeza, de desilusão ou de encantamento, de perseverança ou



Inverno... Inverno de 2017. foto MJF

de desânimo...

Por vezes, é na desilusão, ou quando tudo está negro, que começa a iluminar-se o caminho. É o retorno da luz e a ressurreição da esperança...

Por outro lado, quando a alegria nos invade, não podemos esquecer que tudo pode mudar e que subitamente chegarão dias mais sombrios. Tomemos, então, a consciência de que a mudança é inexorável, porque, tal como o mundo camoniano, o nosso mundo é também dinâmico e composto de mudança.

Numa significação mais alegórica, os solstícios mimetizam o pavimento mosaico, os quadros brancos e negros, a eterna dicotomia da luz e da escuridão, da vida e da morte e o eterno renascer da criação, no

qual nada pode ser destruído, apenas transformado... Devemos, por isso, ter a consciência desperta e estar atentos à transformação, mas fugir dos extremos...

Esta época de espera progressiva da luz, das flores, folhas e frutos também prefigura a espera do tempo da renovação, da verdade, da tolerância, da verticalidade, da justiça e da projeção no outro. A fraternidade também deverá ser homenageada no solstício de inverno, sobretudo na sombra que o frio nos obriga a iluminar.

É essa fraternidade, tolerância e justiça que assumem a virtude de abrir a grande porta de entrada ao templo da concórdia, por onde devemos todos aceder para que a renovação interior seja plena e

frutífera e possamos, deste modo, elevar um brinde à consolidação de todos os valores maçónicos, porque esse é o nosso trabalho, do meio-dia à meia-noite.

Este conhecimento simbólico é um de muitos que o maçom procura. Em busca do Sol da verdade, é certo, porém, convictos da vitória do espírito sobre a matéria.

Mas em cada um de nós terá de brilhar o Sol... e agora, será o Sol que convida, nas palavras de Natália Correia, ao nosso solstício de mel...

A.P.N., M\M\





Mosaico com a representação do Sol enquanto divindade vitoriosa. Meados do Século III. Encontra-se rodeado do zodíaco O Sol Invicto conduz o seu carro triunfante de este para oeste, atravessando o firmamento. À sua volta está um anel de signos do zodíaco representando o ciclo anual. Cerca de 720 d. C., o Imperador Lúcio Domício G. Aureliano colocou o *Sol Invictus* no mais alto do panteão dos deuses romanos. Este mosaico data da mesma época e foi encontrado na sala de recepção de uma casa romana em Münster-Sarmsheim, na Renânia—Alemanha.

«Ukko, o Grande Espírito, cuja moradia é em Yûmala (o Céu ou Paraíso),
escolhe como veículo a Virgem Mariatta para se encarnar por meio dela em Homem-Deus.
Ela concebe colhendo e comendo um baga vermelha (marja).

Repudiada pelos pais, dá nascimento a um "Filho imortal" numa manjedoura de um estábulo.»
in KALEVALA

As duas grandes festas comemoradas universalmente pelo Povo Maçónico, são as Festas Solsticiais de São João, e celebram-se anualmente em Dezembro (São João Evangelista) e em Junho (São João Baptista).

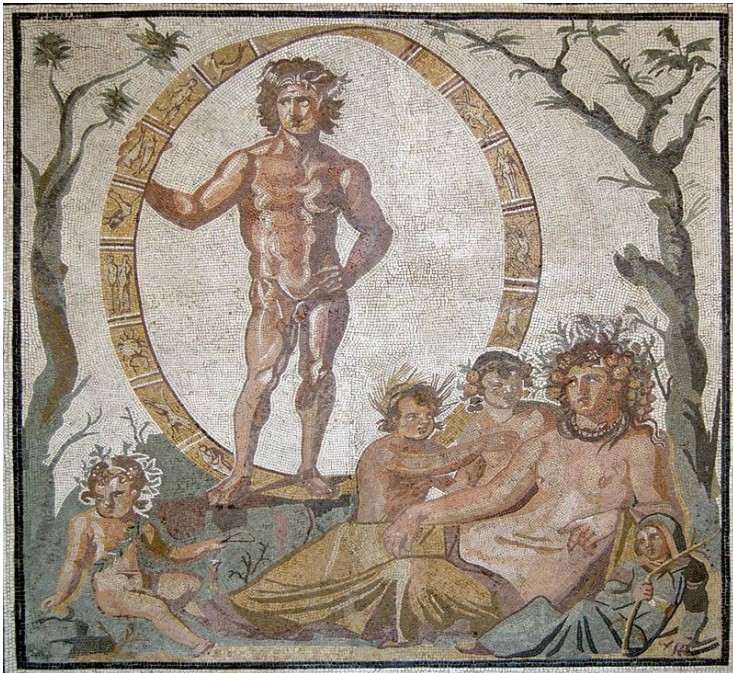
Humanamente, com a realização destas Festas, recordamos e reconstituímos ciclicamente o mito da Criança Divina que nasce da Luz...

A complexidade destas celebrações, tenham elas uma roupagem cristã, budista, hindu, pagã ou maçónica.... a sua Realidade intrínseca é a mesma. Tal como nos refere Schwaller de Lubickz: *“não é preciso imaginar nada: é preciso calar... e escutar... É preciso olhar no silêncio, sem querer ver e aceitar o Nada, porque ao que o homem denomina por “nada” isso é a Realidade”*.

Viver plenamente as Festas Solsticiais só é possível através de uma profunda vivência simultaneamente humanista, religiosa e holística.

O ser humano é um ser intrinsecamente religioso, isto é, possui em si a capacidade de compreender e de efectuar a re-ligação das partes com o todo de uma mesma Realidade Una e Indivisível. Re-ligar, unir, ligar, voltar a ligar, eis a chave que considero fundamental para a compreensão do organismo homem e do organismo social – ambos vivos e susceptíveis de se reproduzirem e de evoluírem no tempo e no espaço das suas relações e interrelações na e com a Natureza. Sem dogmas, sem verdades absolutas, sem revelações, sem ideologias cristalizadoras que opõem, confrontam e dividem...

Sublinhemos o facto da importância da relação humana residir principalmente no Ser (Ser Consciente) e nunca tão somente no Estar. Implicando esta última situação concepções de espaço e de tempo limitadores e condicionadores da Relação Total, enquanto que a primeira se situa mais numa dimensão ontológica! Assim, enquanto que as partes são formadas pela dimensão espaço-tempo do estar, o Todo pertence à



Aion e **gaia** com os seus quatro filhos (talvez representem as estações do ano). Mosaico de uma *villa* romana. Sentinum, Itália. Primeira metade do Séc. II a. C. Gliphotec, Munique.

Aion, o deus da eternidade está dentro de uma esfera celestial decorada com os signos do zodíaco, entre duas árvores, uma verde e uma sem folhagem (~Verão e Inverno). À sua frente encontra-se sentada a mãe terra, Tellus, a correspondente em Roma à deusa grega Gaia, com os seus quatro filhos.

dimensão do Ser, da Consciência, do Logos, dimensão esta que reside para além das palavras e dos efeitos. O Ser, a Realidade, tal como atrás referia Schwaller de Lubicz, adivinha-se através da Voz do Silêncio...

Realidade multifacetada, complexa e riquíssima, cujo fio condutor tem o poder de a dominar, de a compreender e de a transformar, fio esse que afinal é o próprio ser humano, utilizando as ferramentas do autoconhecimento e da experiência!

Diz-nos Carlos Cardoso Aveline que:

“Intuitivamente, a humanidade sempre reconheceu a importância do Sol. Formando um par com Gaia, a mãe-Terra, o astro-rei era visto como uma divindade paterna. A vida não seria possível sem esse centro de luz, calor, esperança e vitalidade. Ele era um pai físico e

espiritual, reverenciado nas mais diferentes culturas como um deus de suprema importância.

Os povos andinos adoravam Viracocha, síntese do deus-trovão e do

deus-sol, um ser cósmico que chora de compaixão e assim produz as chuvas que fertilizam a terra. Os caldeus davam ao deus-sol o nome de Bal ou Bel; os persas, de Mitra; os fenícios, de Adonis; e os egípcios de Áton e Rá.

O mito da ressurreição não é de modo algum exclusividade do cristianismo, e tem íntima relação com o culto solar. A ideia do renascimento periódico ocorre em religiões mais antigas que o cristianismo, inclusive na Babilónia, na Assíria e – através do bem conhecido mito de Osíris – no Egipto. A sua lição básica é de que o sol é um centro de energias universais. O seu ciclo divino de actividade inclui a aparição, a desapareção e o reaparecimento periódicos. Tudo no Universo está sujeito ao ciclo de nascimento, morte e ressurreição (ou reencarnação). Nada se perde, nada se cria, tudo se recicla na natureza. A cada noite corresponde um novo dia; a cada Inverno, um novo Verão, a cada Outono, uma Primavera.

O Natal cristão é uma adaptação da antiga festa do Sol da cultura romana pagã, que se celebrava a



Lord Krishna sentado num carro com Arjuna como cocheiro Porta do templo Shri Krishna Janmbhoomi em Mathura, Uttar Pradesh, um estado do norte da Índia, onde prevalece o hinduísmo. Na mitologia Hindú, Krishna viaja através do céu num carro puxado por sete cavalos, conduzido por Arjuna, quando o Sol começa a sua jornada aparente em direcção ao hemisfério norte.



Presépio da Igreja da Madre de Deus - Lisboa

25 de Dezembro em função do solstício de Inverno no hemisfério norte.

A palavra solstício significa “sol imóvel”. No ponto mais intenso do Inverno, o solstício é o instante em que a luz do Sol pára de diminuir. A humanidade celebra a noite mais longa do ano porque a partir dela o Sol passa a recuperar forças. Daí a ideia de nascimento do Sol e do menino Jesus. A auréola em torno da cabeça de Jesus Cristo representará uma miniatura do Sol.”

Os Cristãos celebram, por alturas do Solstício de Inverno, a Festa chamada Natividade ou Natal, para comemorarem o nascimento de Jesus – o Cristo, o Avatar Salvador do Mundo. Festa religiosa tradicional que celebra a passagem do Sol pelo Solstício. Festa que sofreu diversificadas evoluções ao longo dos milénios, consoante os povos e as mentalidades que dela se apropriavam culturalmente.

Todavia, esta Festa foi instituída canonicamente tão só a partir do século IV da nossa Era pelo Papa Júlio I. O costume da festa religiosa em finais de Dezembro tinha origens remotas, a Igreja de Roma apenas fez coincidir o nascimento de Jesus em 25 de Dezembro para, de certo modo, sacralizar os feste-

jos pagãos pré-existentes, reformando toda a manifestação da Sabedoria-Sageza contida nos Antigos Mistérios.

A tradição do Natal, por conseguinte, não é apanágio exclusivo dos Cristãos, com a representação da Natividade do Menino Jesus, com o nascimento de um Menino-Rei de uma Virgem.

Já os antigos Druidas celtas celebravam o dia 25 de Dezembro com iluminações. Mitra, avatar oriundo da antiga Pérsia, nascia de uma Virgem neste mesmo dia, assim como Horus, uma das figuras da antiga trindade Egípcia. Igualmente, entre os Gregos nascia Baco e, entre os Fenícios Adonis; na Índia temos também o exemplo de Agni...

Todos eles com o significado da representação ou manifestação do Deus-Sol entre a Humanidade. Todos eles personificações do ancestral Mito Solar Cósmico – que considerava o Sol como a Fonte inesgotável de toda a existência e o Símbolo, por excelência, do Ser Divino e origem de toda a criação, o Logos, a manifestação física do Verbo Inefável e Eterno –, todos eles festejavam o (re)nascimento do Astro após os longos meses de invernã. Era a vitória da Luz sobre

as Trevas, era o nascimento do neófito para a luz, e foi exactamente coincidindo com o Solstício de Inverno que a Igreja Cristã fixou o nascimento do Restaurador das Iniciações...

Interessantíssima a narração da parteira Zaquel, de Belém de Judá, descrevendo um episódio que terá acontecido há quase dois mil anos:

«(...) Naquele momento pararam todas as coisas, silenciosas e atemorizadas: os ventos deixaram de soprar; não se movia folha alguma nas árvores, nem se ouvia o ruído 3 das águas; os rios ficaram imóveis e o mar sem agitação; calaram-se as nascentes das águas e cessou o eco de vozes humanas. Reinava (por toda a parte) um grande silêncio. Até os próprios povos abandonaram naquele momento o seu vertiginoso movimento. O curso das horas quase havia parado. Todas as coisas se tinham abismado no silêncio, atemorizadas e estupefactas. Nós (estávamos) esperando a chegada do Deus das alturas, a meta dos séculos.

Quando chegou, pois a hora, descobriu-se a virtude de Deus. E a donzela, que olhava fixamente o céu converteu-se (como) numa vinha [estátua branca], pois já avançava o cúmulo dos bens. E enquanto a luz jorrava, a donzela adorou Aquele a quem reconheceu haver ela própria dado à luz. O Menino resplandecia tal como o Sol. Estava limpíssimo e era gratíssimo à vista, pois só Ele apareceu como a paz que apazigua todo (o universo). À hora do nascimento ouviu-se a voz de muitos espíritos invisíveis que diziam a uma só voz: "Amen". E aquela luz multiplicou-se e obscureceu com o seu esplendor o fulgor do sol, ao mesmo tempo que esta gruta se viu inundada por uma intensa claridade e por um aroma suavíssimo. Esta luz nasceu da mesma maneira que o orvalho desce do céu à terra. O seu aroma é

mais penetrante que o perfume de todos os unguentos da terra.

Eu, por minha parte fiquei cheia de assombro e de admiração e o medo apoderouse de mim, pois tinha fixo o meu olhar no intenso resplendor que emanava a luz que tinha nascido. E esta luz foi-se pouco a pouco condensando e tomando a forma de um menino, até que apareceu um infante (tal) como costumam ser os homens ao nascer. Então eu tomei coragem: inclinei-me e toquei-o, levantei-o nas minhas mãos com grande reverência e enchi-me de espanto ao verificar que não estava minimamente manchado, mas que o seu corpo era nítido, como acontece com a orvalhada do Deus Altíssimo; era ligeiro de peso e radiante ao olhar. E enquanto me surpreendia ao ver que não chorava, como costumam fazê-lo os recém nascidos, e o fitava com grande atenção, dirigiu-me um suavíssimo sorriso; depois, abrindo os olhos, fixou em mim um penetrante olhar e simultaneamente saiu da sua vista uma grande luz como se se tratasse de um relâmpago. (...).»

Recorda-nos também Max Heindel que:

“Todos os Salvadores nasceram de uma Virgem imaculada, quando a obscuridade era maior entre a humanidade, tal como o Sol, em cada ano nasce ou começa a sua jornada, na noite mais longa do ano, quando o signo zodiacal de Virgo, a Virgem, se mantém sobre o horizonte oriental em todas as latitudes entre 22 e 24 horas. Ela permanece tão imaculada como sempre, mesmo depois de ter dado à luz a um filho-Sol.

Do mesmo modo vemos a deusa egípcia Isis sentada numa Lua Crescente, nutrindo o seu divino filho, Hórus; vemos Astarté, a imaculada senhora da Babilónia, com o seu filho Tammuz e uma coroa de sete estrelas sobre sua cabeça; e vemos



Jesus representado no centro da roda zodiacal. Representa a passagem do tempo. Igreja do mosteiro de Rila, Bulgária. Concluído em 927 d. C..

Devaki, na Índia, com o seu filho Krishna. A nossa própria Virgem Maria deu à luz ao Salvador do Mundo Ocidental sob a estrela de Belém. Por todas as partes a mesma história: a mãe imaculada, o filho divino e o Sol, a Lua ou as estrelas.”

O Espírito do Natal, através das suas muitas e diversas manifestações tradicionais, da aldeia ou da cidade, só fará humanamente sentido se estiver consolidado com valores autenticamente fraternais onde a partilha e a disponibilidade prevaleçam e o Humano se torne mais Solar, mais divino...

Na nossa cultura e tradição, denominamos vulgarmente por Presépio (palavra de origem latina que significa "local onde se recolhe o gado") aquela representação lúdica da cena do nascimento do Menino Jesus, com todo um enquadramento poético e bucólico. Nomeadamente descrevendo a Presença do Menino, entre dois animais (vaca e burro) acompanhado de Sua Mãe e por José e, perante eles, pastores, anjos e Reis (Magos) a adorá-Lo e a oferecer-Lhe presentes.

Porém, mais do que um simples passatempo anualmente organizado, é esta uma representação de cariz espiritual, que vai tocar no mais fundo de quem ousar jogar, brincar aos Presépios, que vai tocar o Símbolo do Natal – o Nascimento do Cristo em-devir. E para além de todo o aspecto lúdico de construir o Presépio (autêntica cosmologia), tal como num Jogo de Xadrez, movimentando nós as peças no tabuleiro branco-negro – que afinal poderá significar a vida do ser humano em todas as suas dicotomias e vicissitudes tais como o amor/ódio, o positivo/negativo, a vida/morte, o bem/mal... –, existem Realidades transformadoras e transformantes que nos têm sido transmitidas ao longo dos séculos.

Através da Festa do Natal, através da dramatização multiseular do Presépio, esse íntimo, essa essência, é afinal a Criança que ultrapassa a realza (pois reis lhe oferecem o Ouro), que está acima de qualquer sacerdote (pois é contemplada com Incenso, por magos), e venceu a Morte (significando a oferta de Mirra, o conhecimento dos segredos da Imortalidade).

Por analogia, o Natal representa simbolicamente a tentativa do homem se renovar, se purificar, renascer anualmente, ciclicamente. Isto é, representando, festejando o nascimento do Homem Novo e, em última análise, a Renovação da Humanidade através do Nascimento de uma Criança, símbolo da Inocência, da Inofensividade, da Tolerância e do Amor incondicional! Palavras inspiradoras as de Rabin-dranath Tagore quando afirma que «cada vez que nasce uma criança é sinal de que Deus ainda confia nos Homens.».

Dixit.

R.A., M.:M.:

BIBLIOGRAFIA:

AÏVANHOV, Omraam Mikhaël – *O Natal e a Páscoa na tradição iniciática*, Coleção Izvor, n.º 209, Edições Prosve-ta/Edições Idade de Ouro, Lisboa, 1982.

ARIMATEIA, Rui – *O Espírito do Natal*, in <http://evoraoculta.blogspot.pt/2009/12/o-espirito-donatal.html> , Évora, 18 de Dezembro de 2009.

ARIMATEIA, Rui – *O Simbolismo do Pre-sepio*, in <http://evoraoculta.blogspot.pt/2009/12/o-simbolismo-do-presepio.html> , Évora, 19 de Dezembro de 2009.

ARIMATEIA, Rui – *Tradição e modernização entre a memória e a revitalização dos cultos – aproximações Teosóficas*, in <http://evoraoculta.blogspot.pt/2017/08/tradicao-e-modernidade-entrememoria-e.html> , Évora, 25 de Agosto de 2017.

AVELINE, Carlos Cardoso – *Sol, o Deus que ilumina a Terra (O lado sagrado da*

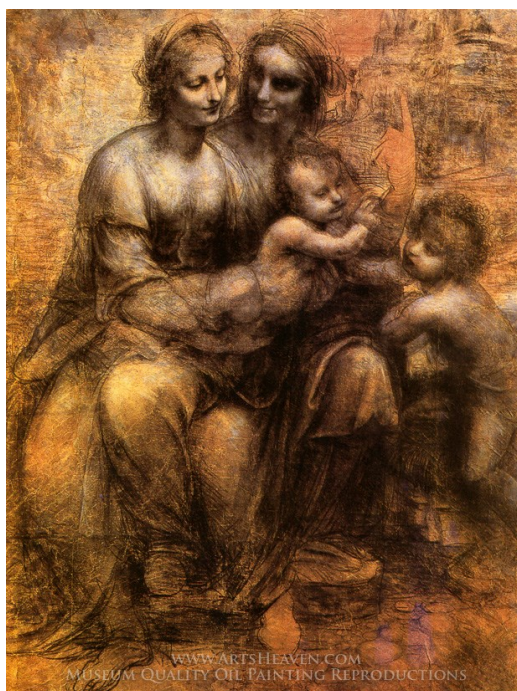
Estrela do nosso céu), artigo original in “Planeta”, São Paulo, 2000 (<http://www.carloscardosoaveline.com/sol-deus-iluminaterra/>).

BLAVATSKY, H. P. – *As Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria*, Ed. Pensamento, São Paulo,. s/d.

HEINDEL, Max (Karl Ludwig Von Grasholf) – *Alegorias Astronómicas da Bíblia*, artigo original in “The Rosicrucian

Christianity Lectures”, EUA,1908 (<http://www.fraternidaderosacruz.org/mitosolar.htm>).

OTERO, Aurelio de Santos – *Los Evangelios Apocrifos*, Biblioteca de Autores Cristianos,, n.º 148, La Editorial Católica S.A., 5.ª edición, Madrid, 1985 (Ver Cap. III, Apocrifos de la Infancia, «Liber de Infancia Salvatoris» [ms. lat., Códice Arundel 404 del British Museum]).



Leonardo da Vinci, A Virgem e o seu filho , com Santa Ana e S. João Baptista Óleo sobre tela, 1495, The National Gallery, Londres.



Após a pesquisa de várias obras de diversos autores sobre este assunto encontramos vários São João. A Igreja Católica ao longo dos anos, santificou centenas de pessoas, das quais 33 Joãos.

Eis os nomes de alguns: São João Batista, São João Evangelista, São João da Escócia, São João de Deus, São João de Calibita, São João Esmoler, São João Crisóstomo, São João do Egito, São João Clímaco, entre outros.

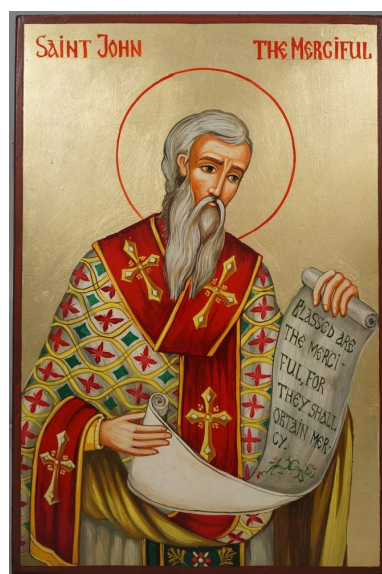
Mas como patrono da maçonaria encontramos referências a três, nomeadamente: São João Esmoler, São João Batista e São João Evangelista.

Actualmente, muitas Lojas Maçónicas costumam abrir os seus trabalhos fazendo clara referência a esta questão, com a seguinte declaração: - "À glória do Grande Arquitecto do Universo e em honra a São João, nosso padroeiro...".

São João Esmoler

A data da sua comemoração é o dia 23 de Janeiro. Nas lojas existe um cargo, o de Hospitaleiro ou Esmoler possivelmente como referencia a este São João.

Conhecido como um dos padroeiros da maçonaria, São João Esmoler inspirou os



São João Esmoler, Patriarca de Alexandria. Ícone em têmpera e folha de ouro sobre madeira, mosteiro de Anapfsa, Meteora, Grécia.



Rafael, Alba Madonna, óleo sobre tela, c. 1510, National Gallery of Art, Washington D.C.

maçons a ajudarem os necessitados, a levarem conhecimento e verdade aos seres humanos de acordo com os seus ensinamentos e suas ações de amor ao próximo e luta pela liberdade.

O Rito Adonhiramita adoptou como padroeiro São João de Jerusalém também conhecido como São João Esmoler ou São João Hospitaleiro. É um santo reconhecido pela Igreja que terá nascido no ano de 550 d.C. e falecido em 619 em Amamonte-Chipre.

Segundo Ragon, quem trouxe este santo, para a Maçonaria, foi o Barão de Tschoudy e outros maçons da época que acreditavam que a Maçonaria era originária das Cruzadas. Segundo a lenda, este São João seria filho do rei de Chipre, teria deixado a sua terra natal e abdicado de seus direitos como herdeiro do trono. Teria partido para Jerusalém para dispensar socorros aos peregrinos e soldados cristãos feridos. Há também outra lenda que diz que ele foi grão-mestre dos Cavaleiros de São João de Jerusalém no século VII.

São João Batista

A data da sua comemoração é o dia 24 de Junho sendo por isto relacionado com o Solstício de Verão. É por muitos considerado o Patrono das Lojas Azuis bem como dos Aprendizes e associado à coluna do norte.



Sandro Botticelli, A Virgem com o menino entronizado, tempera sobre madeira, 1484, Museu Nacional de Berlin

Filho do sacerdote Zacarias e Isabel (Elizabeth), prima de Maria, mãe de Jesus, foi considerado profeta e, pelos cristãos, o anunciador do Messias (ou Cristo). Baptizou Jesus "o Cristo" e introduziu o baptismo de gentios nos rituais de conversão judaicos, mais tarde adoptados e adaptados pelo cristianismo. São João Batista é o precursor da Luz e o profeta das iniciações devido à prática da purificação pela água. Para alguns é o Padroeiro do Rito Escocês Antigo e Aceito.

João Baptista, segundo alguns autores, era provavelmente essénio. Aparece sempre nas imagens das igrejas de roupa vermelha, símbolo do martírio segundo alguns religiosos. O Evangelho segundo São João exprime as mais perfeitas formulações a respeito da eterna dúvida com relação às respostas imutáveis da mente humana. O esoterismo dos escritos de São João ajuda os teólogos, os exegetas e outros estudiosos das religiões a uma compreensão mais profunda do mistério religioso. Pode verificar-se certa analogia entre os escritos de São João e os ensinamentos de Hermes

de Trismegisto (do latim Hermes Trismegistus). Em ambos se encontra a mesma evocação do Verbo e da Luz. A grande influência de João Batista na Maçonaria moderna leva à celebração da sua fundação no dia 24 de Junho de 1717.

São João Evangelista

A data da sua comemoração é o

dia 27 de Dezembro sendo por isto relacionado com o Solístico de inverno. É considerado o patrono dos Companheiros, aquele que ensina.

Evangelista é considerado o Apóstolo do Amor. A sua linguagem transcendente, humilde e doce é a fala do amor fraterno.

Foi um dos apóstolos de Jesus Cristo; juntamente com seu irmão Tiago foram chamados filhos do trovão, por causa de seus temperamentos exaltados. Depois da sua convivência com Jesus, ficou conhecido como o apóstolo do amor e também como o discípulo que mais perto esteve do Mestre, por ser aquele que mais o acompanhou. Nas suas epístolas é constante a preocupação para que se pratique o amor fraternal. Nos vitrais da Idade Média é sempre representado com roupa verde. Seu evangelho tem também relação com a Maçonaria. Esta adopta-o como um dos seus santos padroeiros e a sua festa é celebrada em 27 de Dezembro.

O Apocalipse parece ser uma mensagem cabalística e esotérica deixada para um grupo selecto de iniciados. É a João que se atribuem



Leonardo da Vinci, São João Baptista, óleo sobre madeira, 1516, Museu do Louvre, Paris.

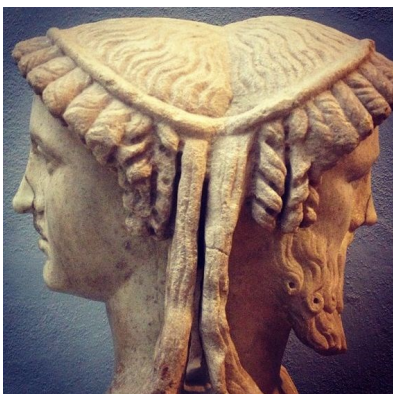
certas visões apocalípticas: “recebeu de um anjo uma vara para medir o templo com exceção do átrio.”

Os dois São João e o seu relacionamento com o Deus Romano Jânus

Uma vez implantado, o Cristianismo tratou de apagar toda a tradição pagã até então existente em Roma e que era ditada pelo mitraísmo, religião de origem persa existente desde 2700 A.C.

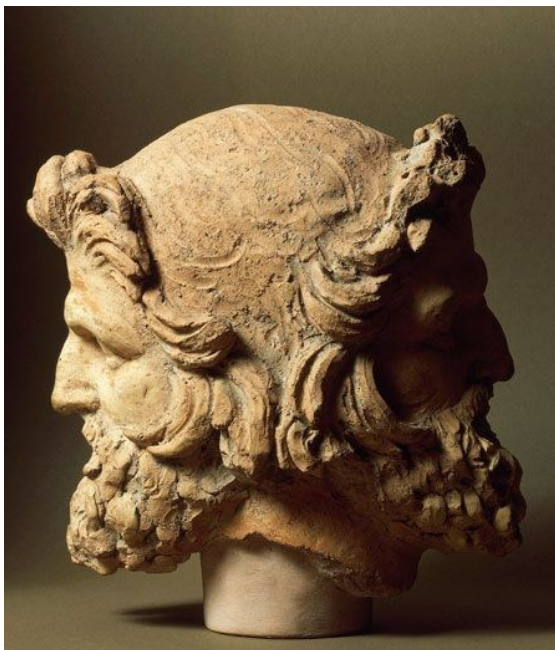
Roma tinha entre os seus deuses locais um deus tipicamente romano, Jânus ou Joannes que deu nome ao mês de Janeiro e que era representado por duas faces (bi frons) uma olhando para a frente, para o futuro, e outra olhando para trás ,para o passado.

As festas solsticiais de Jânus eram celebradas em 21 de Junho e 21 de Dezembro, dias de entrada e saída do verão e do inverno respectivamente. Isto no hemisfério norte uma vez que no hemisfério sul é o



Janus Bifronte. Cerca do Séc. IV a.C. Museo Etrusco "Mario Guarnacci", Volterra, Toscana, Itália.

Por vezes Janus é representado com duas faces diferentes, uma de uma jovem que olha o futuro e a outra de um velho que olha o passado.



As duas faces de Janus, Século II a. C. Museo Nazionale Etrusco di Villa Giulia, Rome

contrário. Aí ainda era comemorado a 25 de Dezembro o nascimento do menino Mitra.

Segundo vários autores, existiu uma adaptação de Jânus que terá sido cristianizado sob o nome dos dois São João, inclusive pela semelhança do nome Joannes, ou Jânus, com João. Jânus aparece em muitas gravuras antigas, vitrais, moedas antigas sempre com as duas faces mas a igreja Católica não adoptou esta interpretação.

O cristianismo aproveitou a religião, tradição e os costumes dos pagãos modificando-os de acordo com a conveniência cristã da época. Os antigos, especialmente no hemisfério norte, comemoravam na noite de 20 para 21 de Dezem-

bro o solstício de inverno (inclusive com sacrifícios humanos); era o chamado renascimento do Sol (Natalis invicti solis). Na noite de 20 para 21 de Junho era igualmente comemorada uma festa solsticial de verão. Acontecia assim no hemisfério norte sendo no hemisfério sul o contrário. As datas que os cristãos adoptaram para a celebração dos dois São foram respectivamente 24 de Junho para São João Batista e 27 de Dezembro para São João Evangelista, datas estas próximas das datas solsticiais celebradas pelos pagãos.

A.:M.:, C.:M.:





Jean Bondol e outros, *Deus dá instruções para a destruição da Torre de Babel*, in *Bible historiale* de Guiard des Moulins (1371-1372), Paris, Meermano Museum, Haia, Holanda.

No Manual do Grau de Aprendiz que é facultado após a iniciação, pode ler-se na Instrução ao 1º grau (pág.7), o seguinte:

“P: De onde vindes?

R: Da Loja de S. João...”

De facto as Lojas dos três primeiros graus M.:, isto é, de Aprendiz, Companheiro e Mestre, são chamadas “Lojas de S. João”.

Para Oswald Wirth esta expressão deriva das Confrarias de Construtores existentes na Idade Média que eram denominadas “Confrarias de S. João”, sendo portanto uma denominação “operativa” mas que se mantém na Maçonaria especulativa, nos nossos dias.

As festas de S. João Evangelista em 25/27 de Dezembro no Solstício de Inverno e as de S. João Batista a 24 de Junho, no Solstício de Verão, são celebradas na Maçonaria com cerimónias especiais e têm grande

importância tanto pelas datas em si próprias, como pelo seu simbolismo Maçónico.

Muitas são as interpretações que têm sido dadas a esta expressão “Lojas de S. João” e das quais vou referir algumas, que proponho à vossa pesquisa e reflexão:

-São Pedro simbolizaria a igreja “exterior” e S. João a igreja “interior.

- Procura-se ver no vocábulo S. João usado pela M.: a prova da sua ligação à Gnose.

- Para alguns o nome João estaria ligado à misteriosa lenda do “Prestes João” dos séc. XII e XIII.

- Os Templários celebravam as suas festas mais importantes no dia de S. João no Verão.

- Alguns ligam João a Janus, o Deus da dupla face: dum lado o jovem e do outro o velho, significando o passado e o futuro, o ano que finda e o que começa.

- No Catecismo dos Aprendizes (1787) diz-se:

“ 1. Nas lojas de S. João constroem-se Templos à virtude e cavam-se masmorras aos vícios

... 2. Aprende-se a vencer as paixões e a submeter a vontade pessoal aos deveres...”

- São João Baptista é o percussor da Luz, São João Evangelista, discípulo do Mestre, é o que foi escolhido para transmitir aos Homens o Evangelho do Amor.

São João Evangelista consubstancia uma polaridade oposta à de S. João Batista. É celebrado no Solstício de Inverno, como a natureza em semente, em potência, que desabrochará no Solstício de Verão. Ele é também conectado com Janus das tradições antigas, o Iniciador das



Convento de Cristo, Tomar.

Construído em 1160 como uma fortaleza para os Cavaleiros Templários. Extintos estes em 22 de março de 1312, tornou-se o quartel general da Ordem de Cristo, A Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, foi uma ordem religiosa e militar, criada a 14 de março de 1319 a pedido do rei D. Dinis, e foram-lhe atribuídas as propriedades e privilégios da Ordem do Templo.

bramos, repousam sobre o seguinte postulado: o tempo cósmico e humano está sujeito à regeneração perene, sendo este vaivém rítmico dos solstícios como uma imagem e um reflexo natural desta lei universal. No solstício de inverno, parece haver um aparente triunfo das trevas

cio invernal marca a ascensão da luz solar. Isto é, somos convidados à interiorização e à concentração no objetivo a que nos propusemos, e assim acederemos facilmente ao recinto sagrado, iluminado a partir do seu interior e a “coberto de qualquer interferência profana”.

Para tal, toda a aspereza e aresta da pedra bruta têm de ser trabalhadas pacientemente e perseverantemente, inspirada na Luz que brilha no Templo e que devemos ser capazes de levar para o exterior e tal como São João Evangelista transmitirmos o Evangelho do Amor.



Selo Templário do Mestre Geral da Ordem, Pierre de Montaigu. Pierre de Montaigu foi Grão mestre da Ordem dos Cavaleiros do Templo entre 1218 e 1232. Este selo, tão famoso como polémico, usado por diversos Grão Mestres Gerais durante os 200 anos de funcionamento da ordem, tradicionalmente representa dois cavaleiros numa só montada.

duas faces, o Júpiter da chave dupla que abre as portas da Iniciação.

Mas nós sabemos que as festas rituais dos dois São João, que cele-

noturnas sobre a claridade diurna. Mas quando se alcançou o mínimo não há senão a possibilidade de crescer, por isso o solstí-



Preceito

“Nós não podemos mudar nada se não aceitarmos a mudança.”

Carl Jung

